

Caracterização vegetal da microbacia do Córrego Sossego com vistas à recuperação de áreas degradadas

Cintia Hencker¹, Elton John de Lório² André Moreira Assis³

1- Bióloga, Pesquisadora Associada do LabGest/UFES, Bolsista Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq (hencker.bio@gmail.com); 2 – Graduando em Ciências Biológicas pela Escola Superior São Francisco de Assis – ESFA; 3 – Biólogo, Msc Biologia Vegetal, Professor da Escola Superior São Francisco de Assis-ESFA (andreassis@gmail.com).

Apresentado no Congresso Brasileiro de Reflorestamento Ambiental – 14 a 16 de setembro de 2011 – SESC Centro de Turismo de Guarapari, Guarapari – ES.

Resumo: A caracterização vegetal é a fonte de discussões entorno da recuperação de áreas degradadas, uma vez que todo arcabouço teórico neste contexto, afirma a relevância da indicação de espécies tipicamente nativas da área a ser recuperada. Neste sentido, este trabalho buscou caracterizar a vegetação da região da microbacia do córrego Sossego-Itarana/ES, apresentando dados antes inexistentes sobre vegetação local, além de, fornecer subsídios para eventuais trabalhos de recuperação nesta região. O levantamento de dados sustentou-se nas coletas florísticas realizadas nos remanescentes florestais da região, além da aplicação dos métodos fitossociológicos empregados na obtenção dos parâmetros usuais (frequência, densidade e cobertura). Neste sentido, realizou-se ainda a classificação das espécies em grupos ecológicos. Foi possível concluir que a vegetação desta região encontra-se na classificação, hoje proposta, como Floresta Estacional Semidecidual, além disso, indica-se potenciais espécies para utilização na recuperação de áreas desta Microbacia.

Palavras-chaves: recuperação, espécies nativas, Sossego.

Introdução

Diversos autores reforçam que o conhecimento da composição florística e da estrutura fitossociológica de determinado local, funciona como uma ferramenta de suma importância para o planejamento paisagístico (estabelecimento de modelos de recuperação) e para a recomposição (espécies) dos ecossistemas degradados com espécies exclusivamente nativas (REIS, *et al*, 2003; ROGALSKI, *et al* 2003). Neste contexto, a presente pesquisa teve por objetivo caracterizar a vegetação da microbacia do Córrego do Sossego - Itarana/ES, e fornecer subsídios que auxiliem futuros projetos de recuperação de áreas degradadas, principalmente no que concerne à indicação de espécies tipicamente nativas.

Metodologia

Devido à especificidade de cada área com relação à implantação de espécies florestais na recuperação, fez-se necessário um detalhamento da vegetação regional. Para tanto buscou-se conhecer a flora local a partir de levantamentos florísticos e fitossociológico. Gerou-se uma lista de espécies indicadas para a recuperação na microbacia do Córrego do Sossego, considerando seus grupos ecológicos (pioneiras, secundárias, clímax) e preferência hídrica (higrófila, xerófitas). A identificação das espécies foi realizada utilizando literatura especializada, consulta aos herbários VIES, MBML e CVRD, e/ou por envio a especialistas. Para a análise dos parâmetros fitossociológicos utilizou-se metodologia do ponto quadrante (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974). Com os dados obtidos em campo foram analisados os parâmetros fitossociológicos usuais como frequência, densidade e cobertura (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974), utilizando o Software Fitopac para os cálculos.

Resultados e Discussão

No presente estudo pode-se notar a tendência dos fragmentos da região do Córrego Sossego a enquadrarem-se na classificação de Floresta Estacional Semidecidual - FES, uma vez que, os gêneros e espécies neles encontrados são característicos desse domínio fitogeográfico na região Sudeste (RIBAS *et al*. 2003; MEIRA-NETO *et al.*, 2002;). Os estudos com vegetação nessa fitofisionomia no Estado do Espírito Santo são escassos, com destaque para ARCHANJO (2008), na região de Cachoeiro do Itapemirim.

Na florística, o elevado número de Fabaceae e Myrtaceae entre as famílias de maior riqueza é explicado pela grande parte que tais famílias ocupam no componente arbóreo florestal, fenômeno já verificado para outros trechos de Mata Atlântica (LIMA & GUEDES-BRUNI, 1997). A presença de Bignoniaceae pode estar relacionada ao fato de que a presença desta família é comum em Florestas Estacionais Semidecíduais (GIULIETTI *et al.* 2009).

No levantamento fitossociológico realizado foram amostrados 200 indivíduos arbóreos e arbustivos. As famílias mais ricas em espécies foram Sapotaceae (12), Myrtaceae (8), Fabaceae e Lauraceae (7), Moraceae (6). Essas famílias concentraram 43,01% dos indivíduos da amostragem, enquanto 14 famílias foram representadas por apenas uma espécie. As maiores populações encerram os indivíduos de *Senefeldera verticilata*, *Sorocea guillemina* e *Brosimum guianense*, confirmado pelos valores das densidades das mesmas (dados disponíveis em LabGest, 2011).

Com diferentes estratégias de colonização e ocupação, algumas espécies apresentam-se dentre as mais importantes (VI), uma vez que dominam todos ou algum dos parâmetros avaliados (densidade, frequência, dominância). Como acontece com *Senefeldera verticilata* que é responsável pelo domínio da família Euphorbiaceae com seu elevado número de indivíduos (32), além de ser encontrada em 13,6% dos pontos amostrados; *Sorocea guillemina* contribui para o domínio da família Moraceae com 20 indivíduos e está presente em 8,7% dos pontos. Além disso, *Brosimum guianense* contribuiu de forma significativa para a segunda colocação da família Moraceae em VI e VC.

Entretanto, o porte e a densidade dos indivíduos de *Pouteria coelomatica*, foram decisivos para sua colocação entre as três primeiras espécies com maior IVI, com diâmetro médio de 24,15 cm, maior de todas as espécies amostradas. Esta mesma espécie é a responsável pela colocação de Sapotaceae entre as famílias de maior VI e VC.

Conclusão

Através do presente estudo foi possível aumentar o conhecimento sobre a flora e estrutura da vegetação em floresta estacional semidecidual para o Espírito Santo e mais especificamente para a região ainda pouco conhecida em termos vegetacionais do Córrego do Sossego em Itarana. Além de ter contribuído com subsídios para outros projetos na área da ecologia e conservação, além de dar base para implantação de programas de recuperação ambiental na região.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao CNPq a bolsa de iniciação concedida à autora durante a vigência desta pesquisa.

Referencias

- ARCHANJO, K. M. P. A. **Análise florística e fitossociológica de fragmentos florestais de mata atlântica no sul do estado do Espírito Santo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre. 2008.
- GIULIETTI, A. M.; RAPINI, A.; ANDRADE, M. J. G.; QUEIROZ, L. P. E SILVA, J. M. C. **Plantas Raras do Brasil**. Conservação Internacional – Universidade Estadual de Feira de Santana. Belo Horizonte – MG. 2009.
- LIMA, H.C. & GUEDES-BRUNI, R.R. **Diversidade de plantas vasculares na Reserva Ecológica de Macaé de Cima**. In Serra de Macaé de Cima: Diversidade e Conservação em Mata Atlântica (H.C. Lima & R.R. Guedes-Bruni, eds.). Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.29-39. 1997.
- MEIRA-NETO, J. A. A. E MARTINS, F. R. **Composição florística de uma Floresta Estacional Semidecidual Montana no município de Viçosa-MG**. R. Árvore, Viçosa-MG, v.26, n.4, p.437-446, 2002.
- MUELLER DOMBOIS D & ELLENBERG H (1974) **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: J. Wiley & Sons, 574 p.
- REIS, A.; ROGALSKI, J.; BERKENBROCK, I. S.; BOURSCHIED, K. **A nucleação aplicada à restauração ambiental**. In: Anais Seminário Nacional degradação e recuperação ambiental, Foz do Iguacú. 2003. <http://www.sobrade.com.br/eventos/2003/seminario/index.htm>.
- RIBAS R. F.; NETO, J. A. A; SILVA, A. F. E SOUZA, A. L. **Composição florística de dois trechos em diferentes etapas serais de uma Floresta Estacional Semidecidual em Viçosa, Minas Gerais**. R. Árvore, Viçosa-MG, v.27, n.6, p.821-830, 2003.
- ROGALSKI, J.M., BERKENBROCK, I.S.; REIS, A. REIS, M.S.; **Sucessão e Manutenção da Diversidade Biológica e da Variabilidade Genética: Ferramentas Básicas para a Restauração Ambiental**. In: Anais Seminário Nacional de Degradação e Recuperação Ambiental. Paraná/2003